

## 4

### Medeia: Silêncio e Horror numa Tragédia de Eurípidés

A televisão dinamarquesa apresentou em 1988 uma produção do então jovem cineasta Lars Von Trier, intitulada *Medea*. O filme é fruto de uma adaptação do roteiro de Theodore Carl Dreyer, aclamado cineasta dinamarquês falecido em 1968 vítima de uma pneumonia. Excepcionalmente belo e de uma brutalidade inquestionável, “*Medea*” de Lars Von Trier é uma amostra do espírito cinematográfico que o autor oferecerá ao nosso cinema contemporâneo.

Uma *Medeia* à deriva invade a tela. Tirada de sua terra natal por seu marido Jasão, *Medeia* é deixada de lado quando o rei Creonte oferece a Jasão sua bela filha jovem, Glauce. Temendo a vingança de *Medeia* ao desprezar as ordens do rei Creonte de exílio. *Medeia* é vista como um oráculo em seu próprio país, mas é uma feiticeira temida na Grécia. *Medeia*, elaborando sua vingança, convence o rei Creonte a dar-lhe mais um dia, para o bem de seus filhos. *Medeia* envia seus filhos para Glauce com um presente que é secretamente envenenado. Decidida a destruir completamente Jasão, ela ainda resolve tirar a vida de seus dois filhos, em uma exposição dolorosa de filicídio.

A breve apresentação da interpretação de Von Trier deste clássico baseia-se em sua mise en scène poderosa e impressionista. As cenas interiores são dramaticamente coreografada com conjuntos de claro-escuro, onde as sombras da luz bruxuleante desempenham um papel tão importante quanto os personagens. No quarto dos recém-casados, Jasão e Glauce, alojados em um labirinto de pano branco, dramaticamente iluminado onde suas silhuetas flutuam para trás e para frente. Quando Glauce diz a Jasão que ela não vai dormir com ele até que *Medeia* não esteja mais em Corinto, Jasão é obrigado a mentir ao lado da sombra de Glauce que é lançada sobre o tecido translúcido que os separa.

Quando o rei Creonte procura *Medeia* para dizer que ela deve deixar o país, *Medeia* está vadeando, com a água do pântano abaixo dos joelhos, recolhendo sementes que crescem acima da água. O nevoeiro literalmente cobre a tela como *Medeia*, o rei e os seus servos desaparecem da vista. O longa metragem é repleto de momentos carregados de elegância visual precisa. Cada composição é específica, ilustrando cada personagem de maneira teatral.

Em determinado momento Medeia pondera em voz alta: "Por que as mulheres sofrem tanto? Sem dizer nada, submissa no corpo e ação. Que direitos têm as mulheres?"<sup>1</sup>. E por um breve momento, parece que o filme poderia ser realmente conduzido por essas questões. O direito de vingança de uma mulher, no entanto, é atenuado, quando a primeira vítima de Medeia é ninguém menos que uma dessas mulheres sem direitos. Usando um longo vestido preto e uma touca que esconde todo cabelo, Medeia tem a aparência de uma viúva sombria. Medeia, como Lars Von Trier retratou, é a antítese da feminilidade atípica. O Poder de Glauce, por outro lado, está em sua beleza, inocência e à juventude de todos os atributos que Medéia perdeu.

Medeia foge após o envenenamento de Glauce e assassinato de seus filhos. Jasão fica em estado de loucura. A câmera é apontada para Medeia e seu rosto está impassível, não tanto no juízo como que em observação, enquanto se senta na frente de um navio de madeira. Enquanto a vela está erguida, essa é brevemente posicionada na frente da câmera, ofuscando Medeia na tela. Quando a vela se afasta, Medeia é revelada de maneira distinta: com a touca nas mãos, seus longos cabelos caindo sobre os ombros e a exposição de emoções que expressam sua vulnerabilidade.

O que há de incomum entre a obra de Eurípides e a interpretação de Lars Von Trier? De que forma essa contemporaneidade se aproxima (ou se confunde) com o espírito da obra de Eurípides? Se a vela do navio, tal como o tempo, encobre o desvelamento de Medeia. Lars Von Trier assim como Eurípides esboça um rosto da heroína distinto daquela máscara mítica e semelhante aos rostos que transitam na cidade, no teatro de seu tempo.

Entre a Medeia de Eurípides e a Medeia de Von Trier há um trajeto traçado nas horas, no tecido do tempo. Medeias encenadas em séculos, palavras oferecidas por dezenas de poetas. E no silêncio do sacrifício, as linhas se cruzam e o horror euripídiano se espelha na representação contemporânea de um crime muito antigo. A impossibilidade de fala diante da ação da heroína nos aproxima da perplexidade de cidadãos de outrora. E assim a história por meio da poesia proporciona o encontro entre antigos e modernos, a partir da hýbris de Medeia somos contemporâneos de Eurípides.

---

<sup>1</sup> Lars Von TRIER. Medea, 1988.

No esplendor da guerra os homens se aproximam dos deuses, e os melhores alcançam a glória imortal. Ao se passar dos anos, o astuto Odisseu põe fim à sangrenta guerra nas terras de Príamo através de um ardil presente, e possibilita o retorno dos heróis às suas famílias. Mas o próprio ao exceder em valor confunde-se aos deuses e por esses é desprovido de sua identidade e lançado no mundo do caos e indeterminação. Agora comparado aos animais, o herói busca retornar ao ponto de equilíbrio e harmonia, onde a liberdade é alcançada pela justa conciliação com os poderes ocultos que submetem o homem aos pés das suas mais recorrentes necessidades. O destino de Odisseu estará sendo bordado por aquela que conserva seu poder no leito:

“Assim regressasse ele e tomasse conta da minha vida! A minha reputação seria maior e mais bela. Ao invés vivo amargurada, tantas são as tribulações que um deus sacudiu sobre mim!... Por isso não tenho dado atenção a estrangeiros ou suplicantes, nem, de maneiras alguma, a arautos, que são servos do público, e deixo fundir meu coração de saudades de Odisseu. Eles me pressionam para que me case e eu venho tecendo enganos;... Daí, de dia, ia tecendo uma trama imensa: de noite, mandava acender as tochas e a desfazia”.<sup>2</sup>.

Baluarte de Ítaca, Penélope foi aquela que preservou o reino, na ausência de seu senhor, sua brumosa trama foi capaz de mantê-la como uma valente guerreira no combate contra os pretendentes. Ao seu lado Palas Atená auxiliava traçados ardis. È no domínio do lar que a Senhora exerce o poder que lhe é próprio, concedido pela virgem de Glauco olhar, a roca é seu instrumento por excelência, ela tece astuciosas palavras, que no universo da casa, à sombra da Ágora, guarda um poder sagrado a homens e deuses. Sob a ornada de uma práxis obscura, em Ítaca, o poder emana do interior dos muros do palácio, encobertos por um delicado, quase imperceptível, manto que o torna enevoadado. Perigosa herança daquelas que descendem da nêmesis de Zeus, lembrando os limites da deliberação humana:

“Ordenou então ao ínclito Hefesto muito velozmente terra à água misturar e aí pôr voz humana e força, e assemelhar de rosto às deusas imortais esta bela e deleitável forma de virgem; e à Atena ensinar os trabalhos, o

---

<sup>2</sup> HOMERO. Odisséia. p.225.

polidedáleo tecido tecer; e à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça, terrível desejo e preocupações devoradoras de membros. Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta determinou ele a Hermes Mensageiro argifonte”.<sup>3</sup>

Assim o deus artesão moldou a perdição dos homens, pois ao possuírem o fogo, igualavam-se aos deuses, e com ódio em seu peito Zeus ordena a criação daquela que traria a ruína aos mortais, pois uma vez conscientes da sua real condição, o desespero surgiria ao perceberem que a única forma de vencer a morte, estaria na perpetuação da vida ao lado dessa maldição divina:

“Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos a recato dos males, dos difíceis trabalhos, das terríveis doenças que ao homem põem fim; mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando, dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares. Sozinha, ali, a Expectação em indestrutível morada abaixo das bordas restou e para fora não voou, pois antes repôs ela a tampa no jarro, por desígnios de Zeus porta-égide, o agrega nuvens.”<sup>4</sup>

Desencadeando os sofrimentos humanos, liberando no mundo os dons dos deuses, Pandora revela a face monstruosa do presente de Zeus, precipita sobre a raça humana os malefícios que os acompanharão durante toda a existência. À raça descendente de Pandora resta um tesouro que a urna ainda preserva: é na esperança do retorno que o poder de sua grei resplandece em força e mistério. De Atená herdou-se a sagaz arte do tecer, e quando aliadas, deusa e mulher armam o astucioso combate contra o tempo. A perenidade do poder de seu rei será preservada a cada fio que se enlaça pelas mãos de Penélope. A virtuosa rainha da Hélade resiste às persistentes investidas inimigas, ao aguardar ressurgir a imagem de Odisseu no horizonte rochoso de Ítaca.

À luz da lareira, o destino toma forma entre os dedos dessas poderosas tecelãs. O tecido gerado pelas suas mãos é aquecido pelas chamas alimentadas pela virgem eternamente entronada no centro do lar, Héstitia lança fagulhas do seu poder sempre que uma nova aliança é consolidada. Nas profundezas da casa, as deusas do destino bordam a conservação do reino, numa específica atividade

<sup>3</sup> HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. vs. 60-68.

<sup>4</sup> Idem. Op Cit. vs. 90-99.

velada pelas névoas do domínio da deusa que nunca sorriu, Hera:

“Como legítima esposa do pai dos deuses e dos homens, Hera é a protetora das esposas, do amor legítimo... Hera personifica certos atributos morais, como o poder, a justiça, a bondade. Protetora incontestada dos amores legítimos, é o símbolo da fidelidade conjugal. Associada à soberania do pai dos deuses e dos homens, é respeitada pelo Olimpo inteiro, que a saúda como sua rainha e senhora.”<sup>5</sup>.

Soberana a partir do momento em que o pai dos deuses adquire o cetro do Olimpo, lançando os titãs nas profundezas do Tártaro, ainda que aliado às forças monstruosas como os Os cem braços e os Ciclopes. Destronando o domínio tirânico de Cronos, o deus porta-égide reservou um papel de destaque à titânia aliada na batalha contra os gigantes primordiais, Estige, a deusa que zela pelos juramentos, pela palavra proferida ao dar de beber àqueles que perjuram. Como protetora das alianças Hera reina junto aquele que escolhido pelos deuses reordenou o cosmos, fundando uma estável hierarquia: “Ele distribui entre os deuses honras e privilégios. Institui um universo divino e hierarquizado, ordenado, organizado e que, por conseguinte, será estável”.<sup>6</sup>

Nesse universo no qual a harmonia está assegurada pelo devido equilíbrio entre os domínios, Hera é ardorosa ao relutar pela integridade dos compromissos, dos juramentos. Sob a égide de Hera a estabilidade do lar, no qual reina a matrona, os papéis são devidamente delimitados, são perfeitamente nítidos: “Em relação aos demais deuses e heróis, a deusa não tem meios-termos: ama ou odeia e na consecução destes dois sentimentos vai até o fim”.<sup>7</sup>

A aliança que é atribuída à guarda de Hera visa à preservação da chama do Oikós. Sob sua ornada o fogo da lareira aquece o géno visando à abundância e fertilidade. A batalha contra a extenuação do mundo serão salvaguardas no interior da casa, o espaço secreto, o domínio obscuro da Senhora, onde misteriosamente emana seu poder. Hera como deusa cretense da fertilidade preside frutificação e reprodução, é a mãe que gera a constância no tempo. O culto

<sup>5</sup> Junito BRANDÃO. Mitologia Grega, p.283.

<sup>6</sup> Jean-Pierre VERNANT. A Origem do Universo; O universo, os deuses e os homens, p.37.

<sup>7</sup> Junito BRANDÃO. Op cit, p.136.

ao seu poder assegura a multiplicação das riquezas, da possibilidade de imortalidade do clã. Hera como mãe de Hebe, a deusa eternamente jovem, propicia o rejuvenescimento, o precioso tesouro adquirido por Hércules após seus árduos trabalhos.

A grande mãe de deuses e homens, soberana do Olimpo, confunde-se com Hécate, deusa nutriz da juventude, quando revelam seus aspectos enlouquecedores e assombrosos. Para penetrar em seu domínio, a jovem urso de Ártemis deve ultrapassar o escuro túnel sob o cortejo de tochas portadas pela deusa Tríplice, que sob a luz da lua Nova é a Senhora dos malefícios:

“Por estar ligada ao matrimônio, Ártemis é por isso mesmo, uma portadora de tochas, atributo duplamente seu porque a deusa será identificada com Hécate, com o epíteto de phosphóros, “a que transporta a luz”, tornando-se como aquela uma divindade infernal”.<sup>8</sup>

Ao portar as tochas a menina caminha para o universo onde sua existência está fadada à extinção, abandonado o calor da lareira paterna, ela conduz a faísca que deverá incendiar a lareira estrangeira, sob a autoridade de um novo senhor será aniquilada e renascerá ao vencer o duelo contra a deusa Lokhía, adquirindo um poder típico daquelas que conquistam a proteção da matrona do Olimpo:

“A parte principal do rito de casamento era o cortejo nupcial, quando a noiva ia da casa de seu pai para a do noivo... A mãe da noiva carregava uma tocha acesa com o fogo do altar paterno, que simbolicamente devia iluminar o caminho da filha e protegê-la nesse percurso, enquanto não chegasse ao oikos de seu novo quírios. Lá, à porta, esperava-a a mãe do noivo, sua sogra, também com uma tocha acesa”.<sup>9</sup>

A força fecundadora da luz noturna banha aquelas que gerando o primeiro rebento da família, tomam parte de um poder vital aos mortais, o misterioso poder da geração, da renovação, a apropriação de um aspecto fixo imerso num mundo instável capaz de destruir os seres que surgem em seu seio. Tellus Mater, potência geradora de vida, monstruosa força que associada à fase lunar, propicia entre os

<sup>8</sup> Junito BRANDÃO. Op cit, p.69.

<sup>9</sup> Maria FLORENZANO. Nascer, viver e morrer na Grécia Antiga, p.54.

homens o nascimento, o rejuvenescimento e a morte. Surgindo como divindade ctônica Hécate oferece dádivas nefastas:

“Deusa lunar e ctônia, está ligada aos ritos da fertilidade... divindade benfazeja preside à germinação e ao parto, protege a navegação, prodigaliza prosperidade, concede a eloquência, a vitória e guia para os caminhos órficos da purificação; em contrapartida, possui um aspecto terrível e infernal: é a deusa dos espectros e dos terrores noturnos, dos fantasmas e dos monstros apavorantes.”<sup>10</sup>

Domada pelo laço do matrimônio Medeia gera escuridão. Reina isolada ao aguardar o retorno de Jasão, abrigando seus filhos sob o escuro manto da noite. A Senhora reina na mansão encoberta pela névoa que a torna invisível aos olhos daqueles que vivem lá fora, no interior da casa, o ambiente esconde as sombras que brincam de esconde-esconde:

“Noite pariu Lote, Sorte Negra e Morte, pariu sono e pariu a grei de Sonhos... e as Partes e as Sortes que punem sem dó: Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal, elas perseguem transgressões de homens e deuses e jamais repousam as deusas da terrível cólera até que dêem com olho maligno naquele que erra”.<sup>11</sup>

Digníssima rainha, poderosa protetora do enguésis, a instituição do casamento possibilita a preservação do tesouro do herói, pela segurança da qual seus filhos imortalizarão sua fama, sua memória. A raça vulnerável ao apetite de Cronos foi castigada pelo soberano olímpico a submeter-se aos encantos femininos na esperança em aproximar-se dos imortais. Mesmo que no mundo da pólis o homem possa se libertar da sua condição animal, ao livrar-se das necessidades que sustentam o Oikós, somente com a devida reverência ao universo do labor, a liberdade, desfrutada entre iguais, pode ser alcançada. Para o homem que deixa o seu lar em busca da glória dos heróis, o seu regresso é a garantia da vida humana, que apenas poderá ser gerada no domínio da Senhora, um incrível poder que fez Odisseu retornar à Ítaca. Um supremo poder que

<sup>10</sup> Junito BRANDÃO. Mitologia grega, p.274.

<sup>11</sup> HESÍODO. Teogonia. vs.212-222.

intimida até a deliberada vontade de Zeus, legitimando as perseguições de Hera:

“Saquei-as se elas forem odiosas ao teu coração... se as protegesse e te proibisse de saque-las, nada conseguiria eu com a minha oposição, já que és muito mais forte. Não debes porém, tornar infrutífero meu labor, pois também faço parte dos deuses e minha origem é igual à tua. Cronos, o conselheiro ardiloso, criou-me para ser altamente honrada, tanto por meu nascimento como porque sou chamada sua esposa e tu reinas sobre todos os imortais. Resolvamos, porém, esta questão entre nós dois, eu cedendo a ti e tu a mim, e os outros imortais nos seguirão.”<sup>12</sup>

Acima de tudo Hera é irmã de Zeus, e por mais que os homens busquem a liberdade na ágora da cidade, o santuário da soberana do olimpo estará ali, exigindo as devidas reverências. Intragável deusa que traz à tona o fronteira da ação humana, ao revelar com impecável nitidez a margem extrema do seu arbítrio. Ultrapassar o limite, romper o elo com a sua natureza, significa uma hýbris imperdoável, abrindo um abismo sob os pés das vítimas da loucura enviada pela inflexível deusa das brilhantes sandálias, a intragável perseguidora: “Vezes sem número a mulher é temerosa, covarde para a luta e fraca para as armas; se, todavia, vê lesados os direitos do leito conjugal, ela se torna, então, de todas as criaturas a mais sanguinária!”<sup>13</sup>

Hera inúmeras vezes ao ver ultrajado seu sacro domínio lançou tenebrosos castigos àqueles que infringiram de alguma forma a legalidade cósmica, seja pelo simples fato de nascer, veja-se a incrível saga de Hércules, seja por jorrar a luz sobre o enigmático universo da matrona, Tírsias perdeu seus olhos tragados pelas trevas ao fazer emergir segredos do sacrílego espaço, interdito a homens. Medeia poderosa sacerdotisa de Hécate foi capaz de cumprir os ritos do casamento e penetrar no mundo da pólis ao gerar a extirpe de Jasão. A chama que desceu do olimpo e queima no centro do lar dos homens revela seu aspecto destruidor ao incinerar a esperança que arde no peito da Senhora.

Uma nova porta se abre e Medeia compartilha suas chaves com a escrava. A ama irá caminhar o labirinto tecido por sua senhora atrás dos rastros deixados por aquela que detém autoridade sobre cada nova passagem aberta no palácio. A

<sup>12</sup> HOMERO. *Ilíada*. Canto IV, p.42.

<sup>13</sup> EURÍPIDES. *Medeia*. v.298-302.



ama conhece cada acesso que ora se abre, ora se fecha, no artificioso inconsciente da matrona. Ela é a sombra que busca a saída do labirinto, e atravessa sua alma recolhendo vestígios que tornam visíveis os anseios, os temores, as ações encobertas pelo véu que nasce da roca: “Estais ouvindo seus lamentos, gritos com que ela invoca Têmis, guardiã da fé jurada, e Zeus, para os mortais penhor do cumprimento das promessas? Não é com pouco esforço que se pode frear a cólera de minha dona.”<sup>14</sup>

Compartilhando das chaves a ama faz o trânsito entre o leito e a varanda, inacessível à senhora. Isolada, a neblina torna-a invisível àqueles que possivelmente circulam do outro lado da rua. No interior da sua asfixiante escuridão, Medeia ao buscar o conforto da luz, é tragada sempre que, incansavelmente, as trevas gritam pelo seu nome. Sua teia de ilusões encobre a sua real condição. Também na mansão de Eetes, situada no mundo além dos olhos humanos, a forte luz que se irradia da extirpe do deus Hélios torna seus moradores invisíveis como no Lar de Hades:

“Devia ser um sítio para seres divinos, imortais... estivesse ela a leste ou a oeste da terra em que os raios do sol dormiam e tornavam a despertar. Como na casa do Sol, mas ao mesmo tempo, casa da invisibilidade, de Hades – assim devemos imaginar a mansão de Eeta”.<sup>15</sup>

No palco, mimesis da existência, alguém rouba a fonte da clepsidra. Alguns homens cujos rostos a história esqueceu-se de desenhar, ergueram o teatro no qual a cidade, nesse instante, vinha contemplar o próprio reflexo. Durante o tempo em que se matizava o sono da cidade, um só homem agonizava horrores. Como num espelho perverso, o poeta ouvia o silêncio dos versos recitados na vigília. Eurípides desperta do sonho da pólis. As horas transbordam pelos olhos de Medeia:

“Medeia, a infeliz, ferida pelo ultraje invoca os juramentos, as entrelaçadas mãos – penhor supremo. Faz dos deuses testemunhas da recompensa que recebe do marido e jaz sem alimento, abandonando o corpo ao sofrimento, consumindo só, em pranto, seus dias todos desde que sofreu a injúria do

<sup>14</sup> EURÍPIDES. Medeia. p.26.

<sup>15</sup> Karl KERÉNYI. Jasão e Medeia. p.212.

esposo; nem levanta os olhos, pois a face vive pendida para o chão; como um rochedo, como um rochedo ou como as ondas do oceano, ela está surda à voz de amigos, portadora de consolo.”<sup>16</sup>

Medeia, neta de Hélios, traz em seus olhos o brilho dourado dos descendentes do sol, domina o poder do fogo ao sacrificar vítimas em rituais à deusa-lua Hécate, em Medeia poderes antagônicos se combinam, e geram a vida a partir do despedaçamento de humanos em sacrifício à terra-mãe:

“Do Sol incansável a inclita Oceanina Perseida gerou Circe e o rei Eetes. Eetes, filho do sol ilumina-mortais, desposou a virgem do Oceano rio circular sábia de belas faces, por desígnios dos Deuses. Ela pariu Medeia de belos tornozelos, subjugada em amor graças à áurea Afrodite”.<sup>17</sup>

A dama do outro mundo subjugada em amor ao herói grego demonstra a conciliação entre um poder amedrontador aos homens, uma sabedoria estranha à pólis, e a excelência desbravadora do humano. O vínculo entre um poder titânico e o luminoso poder dos descendentes de Zeus. Por artimanhas de Afrodite a união foi selada, mas em Cólquida o amor é gerado por uma deusa pré-olímpica: “Pariu ainda Nêmesis ruína dos perecíveis mortais a Noite funérea. Depois pariu Engano e Amor e Velhice funesta e pariu Éris de ânimo cruel”.<sup>18</sup>

E se na pólis Diké instaurada pelos deuses olímpicos parece não ouvir as preces da matrona, a poderosa feiticeira abrirá a sua velha arca e cobrirá o mundo com o céu dos tempos titânicos. Medeia como sacerdotisa de um poder sagrado a homens e deuses invocará o recomeço do mundo como no canto mítico, pelo qual a integridade cósmica ameaçada urge pelo reinício do mundo, retornando ao tempo primordial, onde a lei deverá se refazer e mostrar-se límpida e estável para o prosseguir dos homens:

“Voltam os sacros rios para as fontes e com a justiça marcham para trás todas as coisas. Os homens meditam ardis e a fé jurada pelos deuses

<sup>16</sup> EURÍPIDES. *Medeia*, v. 26-37.

<sup>17</sup> HESÍODO. *Teogonia*. v. 956-962

<sup>18</sup> *Idem*. *Op cit.* v. 223-225.

vacila. Muito breve, todavia, a notoriedade há de falar outra linguagem e não disporá de elogios bastante para nós”.<sup>19</sup>

Periodicamente a grande mãe da natureza oferece seus filhos ao seio da terra nutriz a fim de revitalizar o cosmo e instaurar um princípio de rejuvenescimento no mundo e dos seres que nele habitam. Medeia carrega em suas mãos a sagrada arte do sacrifício humano, poderosa e misteriosa sophía inacessível a meros mortais. Divina, Medeia compartilha o poder que levou Deméter a submeter o jovem Demofonte ao calor do fogo sagrado, que levou Tétis a extinguir numerosos filhos em correntezas flamejantes. Medeia traz em si uma sabedoria que homem nenhum jamais suportou evidenciar, como o grito da mãe de Demofonte, e o desespero de Peleu, a pólis se apavora ao testemunhar o poder que emerge no seio da cidade: “Não, por minha soberana, pela deusa mais venerada e que escolhi para ajudar-me – Hécate, que entronhei no altar de minha gente -, nenhum deles há de rir por ter atormentado assim meu coração!” Ou ainda:

“Quem não quiser presenciar o sacrifício, mova-se!... Não, pelos deuses da vingança nos infernos! Jamais dirão de mim que eu entreguei meus filhos à sanha de inimigos! Seja como for perecerão! Ora: se a morte é inevitável, eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!” E finalmente: “Não quero, demorando, oferecer meus filhos aos golpes mortíferos de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesma que os dei à luz, os matarei”.<sup>20</sup>

Ao receber a notícia sobre o casamento de Ifigênia com o virtuoso Aquiles, Clitemnestra conduz sua filha rumo à mansão onde Perséfone reina. Mãe terrível tece o véu que servirá de manto para o sacrifício da jovem à deusa sagitária, cúmplice do ritual que entregará sua novilha ao leito de Hades. Também Altaia sacrificou Melêagro ao lançar na fogueira o tição, que outrora ela retirara das chamas para poupar o destino da criança amaldiçoada pelas deusas fiandeiras. Grandioso poder daquela que oferece a própria vida em troca de um único suspiro da cria, que ao ser invertido esbanja a aniquiladora potência daquela que como a

<sup>19</sup> EURÍPIDES. Medeia. vs.468-475.

<sup>20</sup> EURÍPIDES. Medeia. vs: 448-452, 1200-1208; 1413-1417.

negra Deméter seca a terra com seus pés, vagando “com um archote aceso em cada uma das mãos”, à procura daquela que brinca no subterrâneo palácio de Plutão:

“Hades, o deus que fecha para sempre os olhos de todos os seres, a mim me conduz viva para as margens do além. Me tiram o véu de noiva, me dão o véu do luto, e eu vou, sem cortejo nem cantos nupciais, infeliz prometida do deus da escuridão”.<sup>21</sup>

Desolada a grande mãe repousa na Pedra sem Alegria. Quando hospedada no palácio do rei Céleo, e com o rosto coberto pelo negro véu, tornara imperceptíveis as volumosas lágrimas que brotavam de seus olhos. Mas quando surpreendida pelo grotesco gesto da ama Iambe, o lenço se dissolve, e através do confronto com a gorgônea careta da velha, Démeter revela uma rompante gargalha. Hera travestida em escrava instiga Semele a buscar a fulminante luz oculta no corpo do amante Zeus. Medeia tece sua vingança e Glauce a veste de bom grado:

“Em frente a um espelho vestiu o véu, e com o diadema de ouro já na cabeça ela compunha o penteado, sorrindo à sua própria imagem refletida. Depois, erguendo-se do suntuoso assento, movimentou-se, pousando no chão com graça os pés de radiosa alvura, deslumbrada com teus presentes, observando muitas vezes o véu que lhe descia até os calcanhares e se ajeitando”.<sup>22</sup>

Diante dos opacos olhos do monstro encoberto pelo delicado véu, Medeia encara seu reflexo espelhado no cintilante olhar desmascarador da jovem de cabelos serpentosos. Ao arrancar o véu apavora-se com a verdade revelada pela sua imagem no espelho: mulher que vaga na escuridão, mãe assassina petrificada pelas pupilas de Gorgó:

“Mas na morte esta cabeça à qual nos vemos reduzido, já agora inconsistentes e sem força, como a sombra de um homem ou seu reflexo no espelho, está imersa na obscuridade, encapuzada de trevas. É uma

<sup>21</sup> SÓFOCLES. *Antígona*. p.37.

<sup>22</sup> EURÍPIDES. *Medeia*. vs. 1319-1328.

cabeça vestida de noite... Ela envolve toda a cabeça numa espécie de nuvem sombria; ela, a máscara, torna invisível a todos os olhares aquele que a usa, como se fosse um morto”.<sup>23</sup>

É a ama quem permite a entrada de luz na casa de Medeia, como o fulminante raio de Zeus que incendeia Sêmele e a traiçoeira revelação das servas de Penélope aos pretendentes de Ítaca. Ao erguer o manto tecido pela Senhora a ama traz à luz o horror das ações cometidas em segredo, no interior palácio. É a ama que permite a entrada da luz no interior do sombrio labirinto, e provoca a ebulição dos devastadores planos a que Medeia tece à sombra de artificiosas palavras:

“Ela nos olha, a nós criadas, com o olhar feroz de uma leoa que teve filhotes, se alguém se acerca com uma palavra à flor dos lábios... nunca, porém, se descobriram meios de amenizar com cantos e com a música das liras o funesto desespero, e dele vêm a morte e os infortúnios terríveis que fazem ruir os lares.”<sup>24</sup>

Várias facetas do seu raciocínio são experimentadas pelo público no intervalo de tempo entre o rosto encoberto de Medeia e o gesto que a faz vestir a própria máscara. Em seu trajeto, o filho da feiticeira acreditava distribuir sobre o chão as migalhas que esfarelava, com suas mãos miúdas, o tempo. Há de se crer que a menina de Cólquida aguarda, serenamente, o encontro com a bárbara em Corinto. Dentro de Medeia, até quando a menina irá trançar o cabelo da Medusa? Manipuladora das horas, a dor que afeta cada espectador é apenas a dor mascarada de Medeia: “Ela é terrível, na verdade, e não espere palma da vitória quem atrai seu ódio.”<sup>25</sup> Diz a escrava ao coro. E continua quando alerta o pedagogo:

“Tenta mantê-los afastados, se possível; não lhes permitas chegar perto de uma mãe desesperada; vi-a olhando-os ferozmente, como se meditasse alguma ação funesta. Ela por certo não refreará a cólera até haver vibrado sobre alguém seus golpes. Que atos dela ao menos sejam praticados contra inimigos e jamais contra os amigos.”<sup>26</sup>

<sup>23</sup> Jean-Pierre VERNANT. Uma face de terror. p.63-64.

<sup>24</sup> EURÍPIDES. Medeia. v. 208-220.

<sup>25</sup> EURÍPIDES. Op Cit. v. 57-58.

<sup>26</sup> EURÍPIDES. Medeia. v, 107-114.

E mais adiante para as próprias crianças: “Fugi ao seu olhar, evitai encontrá-la. Deveis guardar-vos bem de seu gênio selvagem, desse ânimo intratável, mau por natureza.”<sup>27</sup>

A dor do pacto rompido, a confiança diluída, vela os olhos da estrangeira. Cólquida foi deixada para trás em nome de uma nova aliança. O Sangue da sua família foi derramado pelo elo estabelecido com Jasão. Os deuses observaram Medeia, a bárbara, entrar no mundo dos gregos. Eurípides, o poeta, traçou o caminho para que as crianças chegassem até Medeia. “Os filhos lhe causam horror e já não sente satisfação ao vê-los”.<sup>28</sup>

Diante do horror desencadeado pela ação trágica de Medeia, a pólis se aterroriza ao presenciar a extinção de uma estirpe de ascendência divina. O extermínio potencializado na capacidade humana de desafiar os deuses, Jasão viola a ordem cósmica, e Medeia traz a inevitável compensação divina, para além da medida da *hýbris* humana. Perante à impotência do herói da pólis, a cidade é petrificada diante da estrangeira descendente de Titãs: “Não temos esperança quanto à vida dessas crianças; elas se encaminham agora para a morte”. E mais tarde após a terrível morte da filha de Creonte: “Todos temíamos tocar em seu cadáver, pois tanta desventura nos deixava atônitos”.<sup>29</sup>

Na tragédia, Eurípides concebe uma feiticeira que encena uma aporia nivelada por palavras. Há testemunhos do sopro do sábio sobre os fragmentos do seu drama. O menino percorre as curvas do teatro. No retalho da filosofia: a fonte goteja o reverso. Há uma Atenas nas ruínas de Cólquida. O menino abraça a mãe, o liame envolve o círculo. Verbo, o punhal da ação:

“Ah! Infeliz de mim! Que presunção a minha! Criei-vos filhos meus, em vão, sofri em vão por vós, dilacerada nas dores atrozes do parto!... E nunca, nunca mais, vossos olhos queridos poderão ver-me! (Partirei para outra vida...). Aí de mim! Aí de mim! Por que voltais os olhos tão expressivamente para mim, meus filhos? Por que estais sorrindo para mim

---

<sup>27</sup> Idem. Op cit. v.120-122.

<sup>28</sup> Idem. op cit. v. 45-46.

<sup>29</sup> Idem.Op cit. v. 1106-1108/ 1372-1373.

com este derradeiro olhar? Ai! Que farei? Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo a face radiante deles... Não! Não posso! Adeus, meus desígnios de há pouco! Levarei meus filhos para fora do país comigo. Será que apenas para amargurar o pai vou desgraçá-los, duplicando a minha dor? Isso não vou fazer! Adeus, meus planos... Não! Mas, que sentimentos são esses? Vou tornar-me alvo de escárnio, deixando meus inimigos impunes? Não! Tenho de ousar! A covardia abre-me a alma a pensamentos vacilantes.”<sup>30</sup>

No tortuoso traço do discurso de Medeia, se esconde a sabedoria sofisticada, na qual o coro da tragédia se deixa modelar de acordo com a articulação da heroína. O juízo vacilante das mulheres de Corinto se rende diante do discurso da feiticeira. Medeia se despe da retórica, reescreve a lei da pólis com o sangue que o poeta derrama em suas mãos. Sua ação é fruto da sua escolha: “Dobrou-me o mal, mirar os dois não é possível: ide, entrai! Não é que ignore a horripilância do que perfarei, mas a emoção derrota raciocínios e é causa dos mais graves malefícios.”

31

O instante é de impasse para a heroína. Medeia ao concluir a reflexão sobre a ação que engendraria a partir daquele instante do drama opta por matar os filhos, ela atribui sua decisão à força do sentimento, suas paixões, seu thýmos, mais forte que suas ponderações. A conclusão de Medeia é resultado de uma astúcia envolvida por toda carga emocional compatível com essa personagem: Medeia é uma personagem guiada pela paixão, e o mal é resultado de uma emoção irrefreável pelo raciocínio. Por outro lado, Medeia chega à decisão de matar os filhos através de um raciocínio lúcido, ao avaliar todas as possibilidades e escolhas disponíveis. A personagem escolhe o mal tendo consciência da sua dimensão. Dessa forma, Medeia sofre apenas como consequência da escolha ponderada que efetuou. Ela sofre, mas o mal é a opção de uma personagem lúcida.

Medeia como descendente de Hélios expõe os espectadores à intensa luz de suas palavras, e cega aqueles que a encaram. Como descendente de Pandora quebra em mil pedaços o jarro sob seu poder, e a cidade mingua à evasão do último dom que possuía. Terríveis males, invisíveis e silenciosos, consternam a

<sup>30</sup> EURÍPIDES. Medeia. v. 1175-1195.

<sup>31</sup> EURÍPIDES. Medeia. (tradução Trajano Vieira). vs.468-475.

existência humana, e Medeia destitui os gregos do desfrute em amenizar as dores diante do horror: “É assim, que, silenciosamente, porque Zeus lhes negou o dom da palavra, as calamidades, dia e noite, visitam os mortais...”.<sup>32</sup>

Pela contaminação do miásma da morte, a cidade destituída da esperança que cerca o nascimento de novos homens, é tomada pelo grito opaco da existência estéril. Emitindo o silêncio ensurdecido Medeia esgota a boca da pólis e a ausência das palavras revela o vazio que aguarda os homens após a retirada dos deuses do universo cósmico: “Contrastando com o mundo sonoro das vozes, dos gritos, dos cantos, a morte é, em primeiro lugar, o universo do silêncio”.<sup>33</sup>

Ao colocar em perspectiva a Medeia de Eurípides, uma possível imagem dessa personagem refletida no espelho da história abre uma interseção no tempo que promove o encontro de espectros. Medeias que jamais se encontrarão, mas se alimentam, e se repelem no mesmo instante que são enunciadas. Em um presente jamais alcançado. Algumas manchas, o sangue colore o tecido da história. Por quanto tempo Medeia irá apunhalar os pesadelos de Eurípides? Silêncio, os pássaros devoraram os instantes que se perderam no caminho. E como se uma boca maldita bebesse o fluído da clepsidra, o filho esquece o retorno. Para a história sobraram vestígios que o tempo por piedade abandonou. A nós resta um teatro que em potência está a ser erguido: “Voltam os sacros rios para as fontes e com a justiça marcham para trás todas as coisas...”.<sup>34</sup>

Ouso imaginar Eurípides como o poeta de dorso quebrado. Aquele que Agamben considera o legítimo contemporâneo a partir da apresentação do poema “O Século” de Osip Mandel’stam<sup>35</sup>. Encurralado entre aquilo que não é mais, e o que ainda não é, o poeta tem seus olhos velados pela obscuridade que encobre o tempo presente. Seus versos irradiam uma luz que jamais alcança a si mesma e aos seus pares, apenas mantém a lembrança da escuridão que os acompanham:

<sup>32</sup> Junito BRANDÃO. Mitologia Grega, p.168.

<sup>33</sup> Jean-Pierre VERNANT. Mito e pensamento entre os gregos. p.313.

<sup>34</sup> EURÍPIDES. Medeia. v. 468-475.

<sup>35</sup> Giorgio AGAMBEN. O que é o Contemporâneo? p, 62.



“O poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no tempo. Mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente do seu século? (...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (...) Ao contrário, o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em rosto o facho de trevas que provém do seu tempo.”<sup>36</sup>

Dessa forma, a Medeia de Eurípides, tomada aqui, como a mimesis de uma ação completa, pela perspectiva historiográfica está circunscrita pelo universo cultural que orienta o pensamento de seu autor. Porém, a imaginação do poeta cria uma fenda em seu próprio espaço e tempo, abrindo um horizonte de possibilidades regido pela liberdade própria da poesia. O pensamento filosófico ofereceu ao homem a condição de espectador. Eurípides pôs-se como autor, espectador e teatro de sua própria tragédia. À medida que o público assistia atônito ao pesadelo do poeta, nós leitores de sua poesia nos esforçamos para fantasiar o seu teatro. E nesse esforço do vislumbre de um sonho, nos encontramos, sem nos confundir, com outro contemporâneo: o poeta do século V a.C. Testemunhas, cada qual, das próprias trevas, elaboramos perguntas tal como o filósofo, e calamos o horror da heroína. Assim o pensamento histórico possibilita o reconhecimento de nossa própria contemporaneidade.

“É a vida que deve sair de seu caldeirão, como de um ventre feminino, uma vida renovada, como aquela que ela própria prometeu às filhas de Pélias, mostrando-lhes um cordeirinho saído do caldeirão de bronze, onde fora colocado em pedaços. O caldeirão, todavia, foi o meio usado para matar Pélias e escondê-lo nventre da terra”.<sup>37</sup>

Resgatada pela carruagem de Hélios, Medeia imortalizará seus filhos no templo da deusa Hera. “Estamos diante de uma reversão cosmica, que instabiliza

<sup>36</sup> Giorgio AGAMBEN. O que é o contemporâneo?. p.63.

<sup>37</sup> Junito BRANDÃO. Mitologia Grega. p.193.

o estado de coisas.”<sup>38</sup> Reordenando o cosmo, a fiandeira cessa o incansável girar de sua roca, e completa o seu ciclo, fazendo o mundo reiniciar um tempo de harmonia renovada. O universo deve seguir seu rumo, agora, reequilibrado através da justa negociação entre homens e deuses, alcançado em decorrência do apavorante sacrifício engendrado por Medeia.

---

<sup>38</sup> Trajano VIEIRA. “O destemor de Medeia e o teatro de horror” In: EURÍPIDES. Medeia, p.166.